



UNIVERSIDADE FEDERAL MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL- CPAN
CURSO DE BACHARELADO EM DE PSICOLOGIA

MATEUS HENRIQUE OLIVEIRA PEREIRA

**RELACIONAMENTOS AFETIVOS INTER-RACIAIS ENTRE
BRANCOS E PRETOS: um estudo exploratório a partir da teoria da
interseccionalidade.**

CORUMBÁ-MS

2024

MATEUS HENRIQUE OLIVEIRA PEREIRA

**RELACIONAMENTOS AFETIVOS INTER-RACIAIS ENTRE
BRANCOS E PRETOS: um estudo exploratório a partir da teoria da
interseccionalidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ronny Machado de Moraes.

CORUMBÁ-MS

2024

MATEUS HENRIQUE OLIVEIRA PEREIRA

**RELACIONAMENTOS AFETIVOS INTER-RACIAIS ENTRE
BRANCOS E PRETOS: um estudo exploratório a partir da teoria da
interseccionalidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado na Universidade Federal do
Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Ronny Machado de Moraes (Orientador)

Prof. Dr. Romulo Balleste Marques dos Santos

Psicóloga Jacqueline de Campos Rojas

AGRADECIMENTOS

Finalizar esta etapa representa a concretização de um sonho que levou seis longos anos de dedicação, aprendizado e superação. Durante esta jornada, me deparei com desafios que me transformaram, vivi mudanças que moldaram meu percurso e conheci pessoas incríveis que marcaram minha vida. Professores, colegas e amigos tornaram essa caminhada mais significativa, não apenas no espaço acadêmico, mas também no pessoal. Apesar da universidade ter sido um ambiente muito difícil de permanecer, foi um lugar de inúmeros aprendizados, e que contribuíram profundamente para a pessoa e profissional que sou hoje.

Agradeço aos meus pais e a minha avó, pessoas que mais amo no mundo.

As minhas queridas irmãs.

Aos meus primos, Luan e Vinicius, que sempre me apoiaram e estiveram ao meu lado todos esses anos.

Aos Professores da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, os grandes responsáveis pelo profissional que sou hoje. Especialmente, ao meu orientador Prof. Dr. Ronny Machado de Moraes, que não só viu potencial em mim, mas também me ajudou a desenvolvê-lo.

Ao Programa de Educação Tutorial (PET), que me ajudou a desenvolver habilidades para além da sala de aula.

Aos meus ex tutores Prof. Dr. Luis Fernando Galvão e Prof. Dr. Alexandre Cougo de Cougo, que mesmo em pouco tempo me acrescentaram muito.

Aos meus amigos, parte fundamental nesta etapa da minha vida. Eu não consigo pensar em quantas pensei em desistir e foi cada um deles que me fizeram permanecer.

E por último, a mim mesmo que apostei todas minhas fichas nessa graduação e consegui alcançar o objetivo de concluí-la.

O meu mais sincero, Obrigado.

RESUMO

Este trabalho buscou compreender os principais desafios enfrentados por casais inter-raciais no Brasil, a partir da ideia de interseccionalidade. Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi investigar os desdobramentos das relações afetivas inter-raciais no Brasil entre brancos e pretos articulando classe e gênero nesse processo. A metodologia utilizada foi o estudo exploratório, onde foram realizados levantamentos em duas bases de dados online, sendo essas o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Nestas bases de dados foram pesquisadas teses e dissertações sobre o tema. Foram utilizados como critérios de inclusão: (1) produções que tratem especificamente da temática sobre relacionamentos afetivos inter-raciais (2) ser pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses; (3) produções que incluam a ideia de interseccionalidade. Como critério de exclusão será (1) produções que não tratem especificamente da temática sobre relacionamentos inter-raciais, (2) textos que não sejam pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses, (3) produções que não incluam a ideia de interseccionalidade. A partir da análise dos trabalhos, observou-se que as relações afetivas inter-raciais não se dão num vácuo social e é importante compreender o contexto e as experiências culturais para se entender um processo de relacionamento. Essa consideração, no entanto, requer o reconhecimento de que cada indivíduo é moldado unicamente por suas próprias experiências, o que tem impacto no desenvolvimento de sua identidade, e, portanto, impactará suas relações.

Palavras-chaves: interseccionalidade; relações afetivas inter-raciais; contexto cultural; reconhecimento; identidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 Interseccionalidade	14
2.2 Relacionamentos afetivos inter-raciais	16
2.3 Raça e Racismo	17
3 PERCURSO METODOLÓGICO, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS ...	20
3.1 Apresentação dos dados.....	20
3.1.1 Pesquisa no Banco de teses da CAPES	22
3.1.2 Pesquisa no Banco de teses do BDTD.....	23
3.2 Análise e discussão dos dados	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – dados dos trabalhos encontrados nas bases de dados BDTD, CAPES.....	21
Tabela 2 - trabalhos selecionados a partir dos descritores utilizados na pesquisa bibliográfica.....	21
Tabela 3 – trabalhos encontrados na plataforma CAPES.....	22
Tabela 4 – trabalhos encontrados na plataforma BDTD.....	23

1 INTRODUÇÃO

O interesse em produzir uma monografia que envolvesse a temática de raça surgiu praticamente no início da minha graduação, quando comecei a ter mais contato com textos sobre questões raciais e ter mais consciência do racismo existente em toda estrutura social. A ideia estava presente, mas nunca tive nada definido. Apenas sabia que queria escrever sobre algo relacionado ao tema raça.

Foi em 2022, a partir de uma experiência pessoal e de relatos de pessoas próximas, que meu interesse pelo tema mais específico dos relacionamentos inter-raciais. Após essa experiência, li o livro de Bell Hooks¹, *Tudo sobre o Amor* (2019), que discute a prática do amor como potência para construção de uma nova sociedade. Esse livro me levou a refletir mais sobre os desdobramentos das relações inter-raciais.

Entretanto, ao pesquisar sobre a temática, percebi a ausência de trabalhos sobre relações inter-raciais entre homem gays negros, posição que um ocupa um lugar específico em minha vivência. Por isso, decidi redirecionar o rumo da minha pesquisa e focar em relacionamentos heterossexuais, mais especificamente em relacionamentos afetivos inter-raciais.

O Brasil, desde a sua colonização, é caracterizado pela miscigenação racial, definida como a mistura de povos, culturas, raças, cores e etnias. Apesar de muitas vezes interpretada como um processo natural e pacífico, esse processo aqui no Brasil ocorreu em um contexto de violência e opressão.

Durante a colonização portuguesa, povos indígenas e africanos escravizados vivenciaram políticas de extermínio e exploração humana, incluindo violência sexual. Essa miscigenação racial foi realizada com bastante sangue desses povos e “subjetividades” escorridas no solo deste país. Essa expressão “subjetividades escorridas” pode ser entendida como uma metáfora a aniquilação ou diluição das identidades culturais, históricas, individuais e como povo, tanto dos indígenas como dos africanos escravizados durante o processo de colonização no país. Sendo reduzidos apenas a corpos explorados.

¹ Bell Hooks é uma das mais importantes intelectuais feministas da atualidade. Nasceu em 1952 em Hopkinsville, uma pequena cidade segregada do Kentucky, no sul dos Estados Unidos. Batizada como Gloria Jean Watkins, adotou o pseudônimo pelo qual ficou conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks, “uma mulher de língua afiada, que falava o que vinha à cabeça, que não tinha medo de erguer a voz”. É autora de mais de trinta livros sobre questões de raça, gênero e classe, educação, crítica de mídia e cultura contemporânea.

O chamado homem branco então deparado com esta diferença cria o conceito "raça" que é entendida por características culturais, linguísticas, religiosas entre outras. O conceito de "raça" utilizado neste trabalho é o de "raça social", conforme teorizado por Guimarães (1999), não se refere ao biológico, mas de construtos sociais, formas de identidade fundamentadas numa equivocada ideia biológica, porém socialmente eficiente para produção, manutenção e reprodução de diferenças e privilégios. Segundo esse autor, já que a existência de raças humanas não encontra nenhuma validação nas ciências biológicas.

Contudo, conforme Guimarães (1999, p. 153) elas são, "plenamente existentes no mundo social, produtos de formas de classificar e de identificar que orientam as ações dos seres humanos". Nesse aspecto, é fundamental destacar que a categoria de raça presente no imaginário coletivo e que perpetua discursos racistas é ainda a ideia de raça formulada pela ciência moderna nos séculos XIX e XX.

Essa concepção serve para classificar a diversidade humana em grupos divergentes fisicamente, cujas características fenotípicas comuns, são consideradas como determinantes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas dos indivíduos pertencentes a esses grupos, os colocando em uma escala de valores desiguais (Munanga, 2004).

Segundo Foucault (1992), uma das condições que contribuiu para o estabelecimento do racismo pode ser identificada em um fenômeno fundamental do século XIX, o biopoder, instrumento esse, utilizado para controle político e regulação econômica se caracterizando por um conjunto de práticas e discursos que constituem a sociedade burguesa e também a organiza, onde a espécie humana torna-se objeto de quantificação, classificação e análise, sendo submetida a estimativas e estudos de natureza quantitativa. Os governos passam a demonstrar uma crescente preocupação com a "população" e com seus fenômenos e variáveis específicas, como a natalidade, a mortalidade, a expectativa de vida e a incidência de doenças (Foucault, 2002).

Nesse contexto, o racismo, serve para que os Estados-Nações exercessem um poder na própria população, pois a noção de purificação contínua passa a constituir umas das dimensões centrais da normalização social. Essa perspectiva representa uma forma de controle sobre a vida humana, onde os discursos biológicos e médicos assumem uma importante relevância, direcionando a uma estatalização do biológico.

Dessa maneira, as tecnologias de poder, cujo principal objetivo é a manutenção da vida, também são responsáveis por exercer o direito de matar, seja por meio da segregação ou da exclusão de indivíduos no interior da própria sociedade. Ou seja, conforme discute Foucault (1992), a aliança entre racismo e biopoder permitiu que as nações modernas exercessem o poder de eliminar parte de sua própria população, expondo à morte não apenas os inimigos, mas também seus próprios cidadãos. Nesse sentido, o poder de promover a vida de alguns é exatamente aquele que permite a morte de muitos outros. O racismo, nesse contexto, desempenha grande papel, pois, embora presente em outras esferas ao longo da história, sua integração nos mecanismos de Estado só foi possível diretamente com a emergência do biopoder.

Dessa forma, desde a invasão do Brasil, negros e negras foram dotados de preço material, afastados de qualquer valor emocional, psicológico, social, e ainda de qualquer condição aonde fossem vistos e tratados como humanos. Quando vamos em direção aos relacionamentos/casamentos sexo afetivos inter-raciais, precisamos trazer para a luz tudo o que foi produzido inclusive com o racismo científico, aonde, “os estudiosos brasileiros, de início, viram na mistura de raças um veneno para os destinos da nação” (Pinto; Ferreira, 2014, p. 259).

Assim, percorrido caminho teórico nas produções acadêmicas também foi produzido o mito da democracia racial que é uma ideia difundida no Brasil onde se acredita na inexistência das desigualdades raciais por sermos um país miscigenado, já que a mão de obra escrava negra foi substituída por mão de obra paga branca trazida da Europa. A partir daí, advém um dos problemas estruturais do Brasil que é a desigualdade de acesso às políticas de saúde, renda e educação.

Os conceitos de raça, gênero e classe funcionam como categorias que alicerçam a percepção e a organização concreta e simbólica da vida social, estabelecendo e legitimando a distribuição e a concentração de poder. Estas categorias são elementos que compõem as representações dos indivíduos e contribuem para a construção de suas identidades.

No âmbito da vida social, raça, gênero e classe operam como categorias estruturantes, moldando a percepção e a organização das relações sociais em seus aspectos concretos e simbólicos. Através destas categorias, a distribuição e a concentração de poder são estabelecidas e legitimadas, delineando as posições dos indivíduos na estrutura social. Ao passo que, tais categorias compõem as

representações dos indivíduos acerca de si e do mundo ao seu redor, contribuindo significativamente para a construção de suas identidades.

Embora as distinções acadêmicas frequentemente tratem os marcadores de raça, classe e gênero como categorias isoladas, a experiência de qualquer sujeito no mundo não acontece de maneira fragmentada. Quando considerados em conjunto, os marcadores, como raça e gênero, interagem de maneira complexa, influenciando-se de maneira mútua e formas diversas. Ware (2004, p. 285) afirma que as masculinidades e feminilidades brancas e negras não são construídas como pares binários simples, ao contrário, elas atuam em relações sistêmicas e assimétricas entre si. Sendo assim, a análise interseccional de raça, classe e gênero é fundamental para compreender as desigualdades estruturais que impactam os relacionamentos inter-raciais.

A proposta das interseccionalidades ou da análise dos marcadores sociais da diferença começa a ganhar mais notoriedade no Brasil no começo dos anos 2000. O que aponta para essa tendência é o dossiê publicado em 2002 em Durban um ano antes, pela Revista de Estudos Feministas sobre a III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas. Os diversos artigos em conjunto mostram o impacto da atuação de mulheres negras no evento e nas reflexões acerca do entrecruzamento entre racismo e sexismo.

Nesse conjunto de trabalhos, se encontra um artigo de Kimberlé Crenshaw, autora que ocupa o lugar como uma das pioneiras do esforço de produção de uma crítica teórica e política a respeito da articulação complexa de diferentes formas de opressão.

De acordo com Crenshaw (2002), o olhar interseccional seria uma forma de abordar a interação entre diversas formas de subordinação. Para explicar tal processo a autora faz uma metáfora com a imagem de avenidas elaboradas por "eixos de poder", como raça, etnia, classe e gênero, que vão estruturar os terrenos sociais, econômicos e políticos. A autora afirma que tais avenidas ou "eixos de subordinação", na maioria das vezes colocados como distintos, se atravessam e frequentemente se sobrepõem uns sobre os outros, produzindo "intersecções complexas".

Conforme a autora, grupos que são marcados por várias dessas opressões, posicionados nessas intersecções devido as suas identidades específicas, enfrentam a tarefa de negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos. Segundo Crenshaw (2002), essa é uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem conjuntamente de

várias direções. Ela então propõe compreender os desdobramentos de "dinâmicas de interação entre um ou mais eixos de subordinação" no processo de formação das condições estruturais de desigualdade produzidas por tais "sistemas discriminatórios".

A autora tece sua argumentação por meio da análise de episódios trágicos de violação de direitos humanos. Por exemplo, a violência sexual, com relação também à etnia, contra mulheres refugiadas de regiões como Bósnia, Burundi, Kosovo, Ruanda. De modo interseccional, diversos fatores interagiriam de modo a aumentar a "vulnerabilidade" à violência de mulheres introduzidas nesses contextos.

A abordagem das interseccionalidades, categorias de articulação ou marcadores sociais da diferença pode se referir a um campo específico de estudos, como também uma perspectiva metodológica, que pode estar mais ou menos incluída e/ou explicitada em pesquisas sobre vários temas, chamando não apenas gênero, sexualidade, raça, etnia, classe, mas também geração, território, deficiências, religião etc. Utilizar essa proposta metodológica, levando em consideração de que forma se articulam os diversos marcadores sociais da diferença adequado ao problema ou questão a ser analisada, pode contribuir para enfrentar a dificuldade de lidar com campos de produção de saber que muitas vezes se estabelecem de maneira distintas.

Sendo assim, este trabalho é elaborado a partir da pergunta problema "Quais são os principais desafios enfrentados por casais inter-raciais em diferentes contextos culturais e sociais?", ou mais especificamente "quais são os principais desafios enfrentados por casais inter-raciais, especialmente aqueles formados por pessoas brancas e pretas, em diferentes contextos culturais e sociais?", esta questão foi levantada com a hipótese de que casais inter-raciais são mais atravessados por questões de raça, gênero e classe.

Assim, o objetivo deste trabalho é investigar os desdobramentos das relações afetivas inter-raciais no Brasil entre brancos e pretos articulando classe e gênero nesse processo. Buscando, ainda identificar qual o impacto do racismo nas relações afetivas inter-raciais e buscar apontar quais impactos esse tipo de relacionamento apresenta na vida de pessoas negras.

Realizada a etapa da definição do problema de pesquisa e objetivo, a metodologia utilizada para produção desta monografia, foi a pesquisa exploratória que segundo Antonio Carlos Gil (2008) visa desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, objetivando a definição de problemas mais precisos ou hipóteses que possam ser pesquisadas para estudos futuros.

Foram realizados levantamentos nas bases de dados online, Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Nestas bases de dados foi pesquisado teses e dissertações sobre o tema. Foram utilizados como critérios de inclusão: (1) produções que tratem especificamente da temática sobre relacionamentos afetivos inter-raciais (2) ser pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses; (3) produções que incluam a ideia de interseccionalidade. Como critério de exclusão será (1) produções que não tratem especificamente da temática sobre relacionamentos afetivos inter-raciais, (2) textos que não sejam pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses, (3) produções que não incluam a ideia de interseccionalidade.

Os descritores que foram utilizados na pesquisa foram os seguintes: relacionamentos inter-raciais no Brasil, relacionamentos inter-raciais entre brancos e negros, relacionamentos afetivos inter-raciais, relações inter-raciais sexo-afetivas. Em todas as bases de dados foram utilizados os mesmos descritores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme mencionado na introdução, a análise do fenômeno escolhido baseia-se nos conceitos de interseccionalidade, relacionamentos afetivos inter-raciais, raça e racismo. Para uma melhor compreensão, apresentamos a seguir uma breve descrição desses conceitos. Esses conceitos são fundamentais para entender as dinâmicas sociais e culturais que permeiam os relacionamentos inter-raciais, especialmente em contextos marcados por desigualdades estruturais. A interseccionalidade possibilita identificar como diferentes formas de opressão se entrelaçam, enquanto as noções de raça e racismo oferecem ferramentas para analisar as barreiras enfrentadas pelos indivíduos nesses relacionamentos. Assim, ao integrá-los, buscamos construir uma perspectiva ampla e profunda sobre o tema investigado.

2.1 Interseccionalidade

O conceito de interseccionalidade foi sistematizado pela feminista norte americana Kimberlé Crenshaw, e posto por ela pela primeira vez no artigo, *Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas*, de 1989. Em 1991, a autora faz uso novamente do conceito no texto *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor*, onde discute e descreve a localização interseccional das mulheres negras e sua marginalização estrutural.

A autora propõe o uso do termo como uma metodologia a ser utilizada para abordar as causas e efeitos da violência contra a mulher nas comunidades negras. É importante salientar que este conceito tem suas raízes nas ciências jurídicas, área de formação de Crenshaw, e desde então tem sido amplamente adotado e adaptado em diversas disciplinas acadêmicas.

De acordo com a autora, ao examinar as origens da sistematização do conceito, o termo passou a delinear o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, proporcionando intervenções políticas e análises jurídicas que mostram as condições estruturais em que o racismo, o sexismo e outras formas de violência se

sobrepõem, discriminam e impõem cargas específicas às mulheres negras (Crenshaw, 1991).

De modo objetivo, Crenshaw (2002) estabelece da seguinte maneira a metodologia interseccional: A interseccionalidade é uma conceituação do problema que procura identificar as consequências estruturais e dinâmicas decorrente da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. A autora trata principalmente do modo pelo qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios produzem desigualdades básicas que organizam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Ainda, a interseccionalidade irá tratar da forma como determinadas ações e políticas acabam produzindo opressões que passam por tais eixos, estabelecendo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Atualmente, em grande parte da literatura, é o olhar da interseccionalidade que costuma explicar a existência de formas múltiplas e articuladas de opressão. O termo vem a ter sua discussão e desenvolvimento a partir da década de 1980 nos trabalhos de feministas dos Estados Unidos e também da Inglaterra (Denis, 2008). Ainda que fazendo uma breve passagem pelas produções feministas nas áreas de Ciências Sociais, História, Psicologia e Educação, entre outras, pode se ter noção do seu impacto como paradigma, como também os vários entendimentos e apropriações teóricas e metodológicas.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que procura identificar as consequências estruturais e dinâmicas correlacionando vários eixos de subordinação. Ela vai tratar principalmente da maneira pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que organizam as posições não absolutas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

De modo metafórico, os vários eixos de poder, sendo eles, raça, etnia, gênero e classe irão formar as avenidas que fundamentam os terrenos sociais, econômicos e políticos. E é por meio delas que as dinâmicas do desempoderamento se deslocam. As vias são ocasionalmente definidas como eixos de poder distintos e respectivamente excludentes. O racismo e o patriarcalismo são distantes entre si, mas, tais sistemas, estão sempre, se sobrepondo e se cruzando, criando dessa forma interseções complexas onde diversos eixos podem se entrecruzar.

Grupos que são marcados por várias opressões, posicionados nessas intersecções devido as suas identidades específicas, enfrentam a tarefa de negociar o tráfego que flui através dos cruzamentos. Segundo Crenshaw (2002), essa é uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem conjuntamente de várias direções. Ela então propõe compreender os desdobramentos de "dinâmicas de interação entre um ou mais eixos de subordinação" no processo de formação das condições estruturais de desigualdade produzidas por tais "sistemas discriminatórios".

A autora Patricia Hill Collins (2015) sugere que o largo conjunto dos estudos sobre interseccionalidade possa ser examinado como uma área de conhecimento que se estrutura como uma espécie de guarda-chuva, abrigando diversos estudos que são motivados por diferentes problemas, socialmente localizados de variadas formas, onde estão presentes três dificuldades principais, sendo elas a interseccionalidade como campo de estudos, visando os conteúdos e temas que caracterizam esse campo; a interseccionalidade como estratégia analítica, com uma maior concentração aos "enquadramentos interseccionais" e a seu potencial de produzir formas inéditas de conhecimento sobre o mundo social; e por último a interseccionalidade como uma forma de práxis social, realçando as conexões entre conhecimento e justiça social.

Ao tecer essa análise tripartite, Collins (2015) oferece uma visão holística da interseccionalidade, reconhecendo sua complexidade e relevância para diversos campos do conhecimento. Essa abordagem contribui para o fortalecimento da interseccionalidade como um paradigma robusto e transformador, capaz de desafiar as estruturas de opressão e promover uma análise mais abrangente e complexa das desigualdades sociais.

2.2 Relacionamentos afetivos inter-raciais

Desde os tempos da colonização, os modelos de família, estruturalmente, possuem relacionamentos inter-raciais. Os senhores de engenho violentavam mulheres escravizadas. Estes moldes de relação são identificados por Moutinho (2001) e citados em sua dissertação. Na identificação de uma diferença na maneira como são retratados os pares homem "branco"/mulher "mestiça" e homem "negro"/mulher "branca". O primeiro acontece no interior de uma relação não explícita para aqueles tempos, ou seja, concubinato. Esses dados são especificados no estudo de Freitas (2011, p.65): "as escravas eram alvos da luxúria dos senhores e para as

quais eram dirigidas toda sorte de ações no âmbito sexual, uma vez que elas eram “tidas como meros objetos” nos quais “davam vazão a impulsos sexuais”.

O casamento pode ser considerado uma das formas ou estratégia de ascensão social da pessoa negra. Segundo Barros (2003), se a concepção de "povo" para o negro implica apenas aspirar a fazer parte do "mundo dos brancos", então, ao ascender à elite, eles são retratados como sujeitos constantemente empenhados em se afastar de seu grupo de origem e assimilar-se à identidade branca. Neste estudo, a autora identifica uma generalização inadequada no contexto desse modelo de ascensão social. Dentro dessa dinâmica de poder e afetos, há sujeitos que afirmam sua identidade negra e outros que a negam. A negação dessa identidade está fundamentada em percepções distorcidas que associam a negritude a uma condição de classe.

Os relacionamentos inter-raciais podem levar a pessoa negra no lugar de “negação a sua raça”. Destaca-se a relevância de compreender como essas pessoas negras percebem e interpretam sua identidade racial, principalmente em contextos de relacionamentos inter-raciais. Importante acentuar que o modelo colonial presente na estrutura da sociedade pode gerar experiências de sofrimento, incluindo manifestações de racismo dentro de relações afetivas e sexuais. Frisa-se a importância da compreensão e do entendimento dessas pessoas do que é ser negra ou negro e como elas(es) se compreendem nos relacionamentos inter-raciais.

Na perspectiva de relacionamentos inter-raciais a partir de um olhar de uma Psicologia social se percebe a influência significativa das cognições nessa dinâmica de relacionamentos. A cognição social refere-se aos processos mentais através dos quais indivíduos entendem e interpretam tanto a si mesmos quanto aos outros (Tróccoli, 2011, p. 79). A Psicologia Social contribui com uma compreensão de dificuldade da sociedade em relação a trabalhos psicológicos complexos, como detectar erros na cognição social e estudos frequentemente destacam julgamentos desfavoráveis e inferências negativas nesse interjogo cognitivo.

2.3 Raça e Racismo

O século XV no Brasil, é marcado pela colonização europeia na sua expansão marítima e comercial. Nosso país fez parte de uma grande colônia de exploração, onde pessoas negras eram raptadas da África para serem escravizadas(os), para

serem usados como mão de obra para que Portugal extraísse bens naturais e explorasse o território brasileiro. Tais modelos coloniais continuam até hoje na estrutura do Brasil. De acordo com Rodrigues (2010), a escravidão negra no Brasil é contemporânea desde os tempos da colonização. A pessoa negra em determinado momento da história detinha um lugar somente relacionado à produção e possuía grande valor como mercadoria, pois esta era desprovida de qualquer condição mínima de humanidade já que o foco era única e somente a exploração colonial.

Segundo Brambilla (et. al. 2020) o nascimento da raça é tido também como um marco para o nascimento do racismo. “A invenção de uma nova categoria mental da modernidade, a raça, como demarcação fenotípica, expressa, também, uma ética específica da dominação de indígenas, pessoas negras da África e “mestiços”” (Brambilla, et. al., 2020, p.232). O branco, por meio de seu modelo cultural, histórico, ritualístico e de suas memórias, institui um determinismo social que age em seu próprio benefício, diferenciando aqueles que não correspondem ao seu padrão que ele criou, o europeu. Dessa forma, surge um novo padrão de poder mundial.

Por exemplo, na subjetividade colonizadora, por mais que o branco seja minoria em questão de números, ele se percebe como pertencente a uma maioria dominante. Ao passo que, esse processo impõe ao negro diversas consequências que afetam sua autoaceitação, resultando na rejeição de traços associados à sua ancestralidade e negritude. Fanon (2020) também introduz em seus trabalhos o conceito que pode ser denominado "pacto da branquitude", relacionado ao que ele dá o nome de "narcisismo branco", no qual o branco não se reconhece como pertencente a uma raça. Esse sentimento de superioridade fomenta várias dinâmicas coletivas que impactam o sujeito de maneira individual, mostrando-se em formas de sofrimento psíquico.

De acordo com autores como Tavares; Kuratani, (2019) o racismo provoca repercussões profundas no campo psíquico das pessoas negras e em toda a estrutura social. Esse efeito psíquico são pensamentos disfuncionais resultantes de distorções cognitivas, que são erros na coerência dos pensamentos e influenciam o modo de pensar e agir do indivíduo (Beck, 1976). Esses métodos errôneos incluem padrões de relacionamento que levam a percepções negativas em relação ao próprio corpo ou ao corpo de outras pessoas negras, considerados feios devido a características impostas socialmente. Fanon (2020, p. 133) assinala que "o preto, diante da atitude subjetiva

do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas".

Os colonizados e colonizadores carregam consigo um legado coletivo que molda suas subjetividades, conforme discute Fanon (2020) em sua obra "Pele Negra, Máscaras Brancas". Segundo Fanon (2020), a opressão colonial e o racismo inerente à própria estrutura da colonização permeiam subjetivamente tanto os colonizados quanto os colonizadores. No caso dos indivíduos negros, a consequência desse processo é a não aceitação de sua autoimagem e cor, o que resulta em um "pacto" com a ideologia do branqueamento.

A construção do que Fanon (2020) denomina de "máscaras brancas" tem início na rejeição da identidade negra e na tentativa de escapar das características estereotipadas negativamente associadas aos não brancos na sociedade ocidental. Ele ainda argumenta que o racismo subjetivado pelos negros também é internalizado pelos brancos, embora em uma relação assimétrica, na formação das identidades raciais brancas. O resultado desse processo é um sentimento de superioridade dos brancos em relação aos não brancos. É importante destacar que Franz Fanon compreendia o racismo não apenas como uma manifestação individual, mas como um fenômeno cultural, o que hoje pode ser entendido como racismo estrutural. Este conceito refere-se à prática racista que está inscrita na estrutura social, econômica, histórica e cultural das sociedades ocidentais.

Os aspectos coloniais previamente discutidos têm efeitos psíquicos persistentes sobre a população negra, afetando suas relações interpessoais. Pesquisadores como Fanon (2020) destacam a desumanização do negro, comparando-o a um animal, uma consequência da lógica escravagista que atribui ao corpo negro uma identidade social associada à virilidade, selvageria, violência e objetificação sexual. Essa construção social reduz o corpo negro a uma máquina de prazer sexual, perpetuando a objetificação e desumanização dos indivíduos negros.

3 PERCURSO METODOLÓGICO, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A presente monografia tem como metodologia a pesquisa do tipo exploratória, que segundo Antonio Carlos Gil (2008) visa desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, objetivando a definição de problemas mais precisos ou hipóteses que possam ser pesquisadas para estudos futuros. De todos os tipos de pesquisa, esta é a que se mostra mais flexível em relação ao seu planejamento, pesquisas trabalham com levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Ainda segundo o autor, normalmente nessas pesquisas não são utilizados procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados.

Para viabilizar o desenvolvimento deste projeto, foram realizados levantamentos em duas bases de dados online, sendo essas o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Nestas bases de dados foram pesquisadas teses e dissertações sobre o tema. Foram utilizados como critérios de inclusão: (1) produções que tratem especificamente da temática sobre relacionamentos afetivos inter-raciais (2) ser pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses; (3) produções que incluam a ideia de interseccionalidade. Como critério de exclusão será (1) produções que não tratem especificamente da temática sobre relacionamentos inter-raciais, (2) textos que não sejam pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses, (3) produções que não incluam a ideia de interseccionalidade.

Na pesquisa bibliográfica foram utilizados os seguintes descritores: casamentos inter-raciais, relacionamentos afetivos inter-raciais no Brasil, relacionamentos inter-raciais entre brancos e negros, relações afetivas inter-raciais, relações inter-raciais sexo-afetivas. Em todas as bases de dados serão utilizados os mesmos descritores. O período da pesquisa será dos anos 2000 a 2020 (vinte anos).

3.1 Apresentação dos dados

Conforme já apresentado na metodologia, foram pesquisadas teses e dissertações em duas bases de dados. Foi feita a leitura dos resumos e das considerações finais em cada um dos trabalhos que aparecem na tabela. Os principais

achados, encontrados e que foram selecionados a partir dos critérios de inclusão e exclusão, estão apresentados na tabela a seguir:

Tabela 1 – dados dos trabalhos encontrados nas bases de dados BDTD, CAPES.

Descritores	BDTD	CAPES
1. casamentos inter-raciais	5	4
2. relacionamentos afetivos inter-raciais no Brasil	1	3
3. relacionamentos inter-raciais entre brancos e negros	4	10
4. relações afetivas inter-raciais	1	7
5. relações inter-raciais sexo-afetivas	5	26

Fonte: criado pelo próprio pesquisador

Todos os trabalhos foram revisados, e aqueles mais relevantes para a pesquisa foram selecionados conforme a Tabela 1. A partir dessa seleção, os trabalhos que se relacionam diretamente com os objetivos e o problema de pesquisa foram lidos na íntegra, conforme detalhado na Tabela 2.

Tabela 2 - trabalhos selecionados a partir dos descritores utilizados na pesquisa bibliográfica.

Descritores	BDTD	CAPES
1. casamentos inter-raciais	3	1
2. relacionamentos afetivos inter-raciais no Brasil	1	1
3. relacionamentos inter-raciais entre brancos e negros	1	1
4. relações afetivas inter-raciais	1	3
5. relações inter-raciais sexo-afetivas	1	0

Fonte: criado pelo próprio pesquisador

Os trabalhos listados na Tabela 2 serão analisados no próximo item (4.1), que oferece uma visão detalhada dos aspectos relevantes para os objetivos de nossa pesquisa. Esses estudos serão posteriormente cotejados com aqueles encontrados em outras plataformas, permitindo uma comparação mais abrangente e aprofundada.

3.1.1 Pesquisa no Banco de teses da CAPES

Conforme detalhado, a pesquisa bibliográfica realizada neste portal resultou em um número limitado de trabalhos compatíveis com os objetivos de nossa investigação; apenas um estudo se mostrou relevante para as questões centrais de nossa pesquisa. Essa escassez ressalta a importância de expandir a busca para outras bases de dados a fim de garantir uma cobertura mais abrangente do tema em análise.

Na base de dados CAPES foi encontrado apenas um trabalho que se encaixa nos critérios de inclusão. Que para melhor entendimento, consta na tabela a seguir (TABELA 3).

Tabela 3 – trabalhos encontrados na plataforma CAPES.

Ano	Título	Área
2016	O amor tem cor? Um estudo sobre relações afetivo-sexuais inter-raciais na cidade de Campos dos Goytacazes”	Sociologia

Fonte: criado pelo próprio pesquisador

Romulo Barreto (2016) em sua dissertação de mestrado com o nome de “O amor tem cor? Um estudo sobre relações afetivo-sexuais inter-raciais na cidade de Campos dos Goytacazes” buscou com sua pesquisa realizada na cidade de Campos dos Goytacazes refletir como as categorias de cor e raça atuam no contexto das relações afetivas sexuais inter-raciais, e de que forma os casais percebem e trabalham com as diferenças raciais em seus discursos e reagem às situações de enfrentamento do racismo, em sua rede de sociabilidade e nos espaços públicos. Foi constatado que as categorias raciais acionadas nas entrevistas, especificamente entre os negros, se baseiam tanto no padrão de classificação pela aparência física quanto na mobilização de categorias de afirmação política, o que pode indicar uma maior reflexividade sobre o fenômeno racial a partir de um gradual processo de conscientização racial. Ainda, se evidenciou que na relação afetiva entre pessoas de cores diferentes, há menos um grande plano racional movido por um cálculo racial, que orienta e determina previamente as condutas dos sujeitos, e mais um jogo dinâmico e relacional, cujas categorias raciais podem sofrer reelaborações e reconstruções, envolvendo a família e os amigos.

3.1.2 Pesquisa no Banco de teses do BDTD

Conforme detalhado, a pesquisa bibliográfica realizada neste portal resultou em um número limitado de trabalhos compatíveis com os objetivos de nossa investigação; apenas dois estudos se mostraram relevantes para as questões centrais de nossa pesquisa. Essa escassez ressalta a importância de expandir a busca para outras bases de dados a fim de garantir uma cobertura mais abrangente do tema em análise.

Na base de dados BDTD foram encontrados dois trabalhos que se encaixam nos critérios de inclusão. Que para melhor entendimento, estão organizados na tabela a seguir (TABELA 4).

Tabela 4 – trabalhos encontrados na plataforma BDTD.

Ano	Título	Área
2020	Estigma e discriminação: as relações afetivas inter-raciais no estado do rio grande do Sul	Ciências Sociais
2003	Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça	Filosofia e Ciências humanas

Fonte: criado pelo próprio pesquisador

Alice Viali (2020) na pesquisa intitulada “Estigma e discriminação: as relações afetivas inter-raciais no estado do rio grande do sul” com entrevistas semiestruturadas em casais residentes em Porto Alegre-RS teve como objetivo geral constatar de que forma se manifestam as pressões envolvidas na construção das relações inter-raciais e compreender as contradições de uma sociedade que se vangloria da mestiçagem como um indício de ausência de conflitos raciais. Como resultado, foi constatado que a identidade afro-brasileira no processo de pertencimento social ainda sofre com a discriminação, com a invisibilidade, de modo geral da sociedade, com expressões cotidianas de “microrracismo”, com a intolerância social para discriminação direta e passividade demonstrada pela população diante de comentários pejorativos a pessoas negras, seus grupos e suas culturas.

Barros (2003) em seu estudo intitulado “Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça” buscou investigar casais racialmente heterogêneos de classe média, residentes em Salvador (Bahia/Brasil), cujos cônjuges são brancos e negros, de modo a: 1) identificar suas representações raciais; 2) compreender como gênero e classe se articulam nesse processo e, a partir disso, 3) perceber como tais representações ensejam a afirmação de identidades raciais. Mais especificamente,

pretende: (a) compreender como o racismo é considerado por casais inter-raciais de classe média; (b) entender até que ponto o racismo se configura como um problema para este tipo casal; (c) identificar se existem e quais são as estratégias de enfrentamento ao racismo adotadas pelo casal (socialização dos filhos, relacionamento com a família etc.) assim como (d) perceber de que forma os conflitos decorrentes da identificação racial dos cônjuges (em família, com os amigos, parentes) se apresentam. Como resultado, foi constatado que ainda que sofra a influência de fatores como classe, gênero e raça, é possível perceber a mudança de certos valores que orientam o relacionamento entre os sujeitos a partir da relação que se estabelece entre os membros do casal. Esta transformação não pode ser percebida, no entanto, enquanto a análise das relações raciais estiver limitada pelo olhar dicotômico.

3.2 Análise e discussão dos dados

Este trabalho buscou colaborar para o debate sobre relacionamentos inter-raciais. Ao longo desta pesquisa, busquei compreender como as categorias de raça, classe e gênero de alguma forma impactam as dinâmicas dos relacionamentos inter-raciais no Brasil. Com base nos dados, a análise final se propõe a fazer um cotejamento dos trabalhos, consolidando os principais achados desta pesquisa.

As dissertações de Alice Viali (2020), de Romulo Barreto da Mata (2016) e Zelinda Barros (2003), abordam a complexa temática das relações afetivas inter-raciais no Brasil, com foco particular na experiência de casais racialmente heterogêneos.

No Brasil, a vivência negra tem ligações com o passado escravista, e ao fato de o Brasil ter sido um país colonizado pelos portugueses, responsáveis pelo principal período, do monopólio do tráfico transcontinental de escravos. De modo que alguns historiadores estimem que o Brasil tenha sido a principal colônia que importou escravos africanos. Não se tem números concretos de quantos africanos foram traficados para o Brasil, mas se tem uma ideia que, entre os séculos XVI e XIX, mais de 11 milhões de africanos, sejam eles homens, mulheres e crianças foram traficados para as Américas. (Fraga filho, 2006.)

Durante o período colonial, o Brasil, sob a dominação dos portugueses dependia fortemente de mão-de-obra de africanos para atender as crescentes

demandas de uma economia em crescimento. A migração forçada, por meio do tráfico transatlântico, serviu como a principal fonte de renovação da população escravizada, principalmente nas áreas relacionadas à agricultura de exportação, como cana-de-açúcar. A população escrava foi obrigada a viver em péssimas condições de vida e maus-tratos. Gerando um alto índice de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida. Além dos que morriam, o tráfico também tinha o papel de repor os que saíam do sistema, seja por meio da alforria ou da fuga para os quilombos. Assim sendo, a demanda por escravizados era alta, e aumentava mais nos períodos de crescimento econômico do país.

A análise comparativa entre as dissertações evidencia como os desafios enfrentados por casais inter-raciais no Brasil são atravessados por questões estruturais de racismo, classe e gênero.

Categorias como raça, gênero e classe desempenham um papel central na operação e estruturação, influenciando tanto a percepção, a organização concreta e simbólica de toda a vida social, sendo assim, essas categorias não só estabelecem, como também legitimam a distribuição e a concentração de poder (Stolcke, 1991; Saffioti, 1992; Castro, 1992). Além disso, essas categorias integram as representações dos indivíduos e participam da construção de suas identidades.

Na leitura dos trabalhos, pode se perceber que em todos eles, estes reconhecem a miscigenação como um traço marcante no Brasil, mas ainda assim não temos uma democracia racial plena, a mistura racial não eliminou o racismo e as desigualdades. Sales Junior (2009) argumentou que a miscigenação, não só aumentou, como também variou e trouxe mais cores a discriminação, diante à presença ou ausência de características “negras”, passou, portanto, de um racismo simplificado, dicotômico, para um racismo mais complexo, multifacetado.

Na literatura especializada, está colocado que as relações inter-raciais se iniciaram no Brasil, na esfera da vida privada, desde o começo da colonização, principalmente pelo estupro, como também outras de práticas violência cometidas por “homens brancos” portugueses contra “mulheres negras” ou “indígenas”. Mata (2016) expõe em seu trabalho que em 1960 o Censo mostrou que, 8% dos casamentos eram “inter-raciais” no país. Já em 2010, esse percentual subiu para 31%. Ou seja, quase um terço das uniões matrimoniais no Brasil ocorre entre pessoas que se identificam como pertencentes a “raças diferentes”. Contudo, o fenômeno é mais visto entre as classes mais pobres, porém é muito raro entre as classes ricas.

No geral, atualmente, todas as sociedades ou grupos sociais, tem mistura de etnias distintas. Esse processo vem de uma longa miscigenação das diferentes populações. O termo “miscigenação” pode ser definido como a mistura resultante de casamentos ou relações sexuais de um homem e uma mulher de etnias distintas. Ela pode ocorrer na união entre negros e brancos, brancos e amarelos e entre amarelos e negros. Popularmente as “raças” são divididas pela cor de pele, sendo elas entre negros, brancos e amarelos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cor ou raça da população brasileira está baseada na autodeclaração. O instituto faz uso de cinco categorias para identificar a cor ou raça da população, sendo elas: branca, preta, parda, amarela e indígena. Porém, no sentido biológico, essas classificações não constituem raças, mas sim grupos humanos de significado sociológico.

Qualquer tentativa de identificar a mestiçagem no Brasil, encontra dificuldades, por conta da própria negação de algumas pessoas, que acreditam terem identidade branca, com a crença que essa identificação lhes dará superioridade (Munanga, 2008).

Estar em uma relação inter-racial não impede que um dos cônjuges esteja livre de racismo, pelo contrário, coloca em evidência o que antes era disfarçado, fingido. Essas práticas muitas vezes são legitimadas através do silêncio e são incluídas no cotidiano social e familiar de maneira acrítica, e sendo percebidas como algo natural. É fundamental reconhecer que a miscigenação não colocou fim e nem é suficiente para cessar o racismo no Brasil. Esse reconhecimento é importante, para que, essa questão de ser invisível e se torne objeto de reflexão e intervenção.

O preconceito sofrido por casais inter-raciais vem principalmente da família dos cônjuges, sendo esse um dos principais desafios enfrentados por estes. Através da leitura dos relatos nos trabalhos, pôde se perceber um preconceito maior contra o cônjuge negro, tanto homem como mulher, mas em alguns casos a presença do cônjuge branco na outra família, também demonstra algum tipo de rejeição. Essas rejeições levam casais inter-raciais muitas vezes a se isolarem do contato contínuo com a família, além de colocá-los numa posição de sensação de inadequação por conta da relação.

Apesar dos trabalhos terem sido com casais de raças diferentes, é importante olhar como a escolha e o envolvimento com outra pessoa de cor diferente pode causar tensões e manifestações racistas por integrantes da família, principalmente nas de cor

mais branca, demonstrando frustração em relação a expectativas relacionadas a preservação racial pela escolha afetiva, muitas vezes julgada ou considerada indesejada.

Casais inter-raciais, mesmo que não sejam orientados por um discurso racial, constantemente são levados a situações onde precisam reconhecer a filiação racial que os compõe. Sendo assim, a família, peça fundamental na formação da identidade dos indivíduos, ocupa um dos papéis principais como provocadores dessa percepção. Segundo Sardenberg (1997), a família funciona como um “um lócus de ressonância para as contradições e conflitos na sociedade mais abrangente” (Sardenberg, 1997, p. 12). Em contraste a ideia da família como valor, que inclui ideias de igualdade e complementaridade, os grupos familiares se configuram como um nexus de relações sociais – de parentesco, gênero, geração, classe e, em certas circunstâncias, também de raça e etnia – relações que envolvem dinâmicas de poder e dominação. Os amigos também apresentam certa influência nesses relacionamentos, só que com menor intensidade e muitas vezes seu papel aparece mais no sentido de neutralizar possíveis reações negativas que o casal pode enfrentar em outros contextos de interação do casal.

Barros (2003) em sua pesquisa, expõe que geralmente o casal se inclina a produzir uma rede de relações baseada em um “sistema de relações relevantes”, com foco em estabelecer e fortalecer laços apenas com pessoas que mostram aceitação ao relacionamento do casal, sejam amigos, parentes, vizinhos etc. Dessa forma, mesmo quando a aceitação do cônjuge indesejado não acontece ou não tem possibilidades de que possa ocorrer, se tem a criação de um ambiente favorável à união, que também funciona como um contraponto às situações de discriminação que o casal pode se envolver.

Analisando as reações produzidas nas famílias dos casais inter-raciais, pode se dizer que a proximidade não elimina as diferenças, mas as coloca em suspensão. A posição de classe é um dos fatores que contribuem para esta situação, mas não excluem as diferenças construídas-percebidas nos cônjuges. Em momentos específicos as diferenças são ativadas. Contudo, pode se observar que, diferente de décadas anteriores, a influência da família não é suficiente para que o relacionamento acabe.

Outro ponto, presente nos trabalhos é o fato dos cônjuges negros, quase sempre ocuparem uma posição economicamente superior do que o parceiro(a)

branco, o que pode levar a uma aceitação maior da relação, tanto para a sociedade como para a família. Como também, de alguma forma velar as discriminações raciais que impactam o casal.

Alguns autores, no Brasil, apontam que para os homens negros, estar em um casamento com uma mulher branca, pode representar para si uma qualidade social favorável, compartilhada por alguns indivíduos, como forma de acumular *status* (Telles, 2012, p. 156; Weber, 2002, p. 131; Haselbalg, Silva e Lima, 1999). Essa estratégia de aquisição de status através da apropriação de algo visto como qualidade social (casamento com uma mulher branca), poderia proporcionar aos homens negros, em uma sociedade estruturalmente racista, maior mobilidade dentro das classes econômicas, como também uma maior probabilidade de adquirir vantagens em relação aos indivíduos que não possuem os meios de acúmulo de bens raciais, e que o colocaria numa posição de status mais elevada (Weber, 2002).

Tanto a aparência física quanto a posição social atual do indivíduo, que se revela seja por sua origem social ou ocupação profissional, servem como princípio de um julgamento social prático usado pelos familiares da noiva para avaliar se o pretendente seria desejável. Berquó (1987) apontou que homens negros que ascendem socialmente tem possibilidade maior de se casarem com mulheres brancas em uma posição social inferior à sua. Isso pode indicar uma maior aceitação da família da noiva em relação a condição social do marido superior servir como compensação a cor socialmente menos desejada comparada a da noiva.

Zelinda Barros contrapõem esse pensamento em seu trabalho... Segundo as representações da maioria dos estudos sobre relações raciais, não se tem margem de escolha ao negro: ou se casa com um “igual”, ou tenta “branquear” se casando com um branco. Para Barros (2003), essa visão pragmática da escolha conjugal só reforça, as dicotomias e a geração de espaços de interação segregados e de escolhas rigidamente delimitadas, como se para a pessoa negra não fosse possível escolher seu par baseado em critérios que vão além daqueles de natureza racial. Esta posição é munida de um caráter bastante normatizador, pois condiciona os sentimentos e desejos, e até mesmo a própria identidade como negro, a um posicionamento político considerado “adequado”.

Além disto, perpetua a visão de branquitude como algo delimitado, e perfeito, e como não se questiona como ela é mantida, continua a ser sinônimo de superioridade. De outro lado, ao retratarem a escolha de um(a) parceiro(a) branco(a)

como resultado de um cálculo, estrategicamente elaborado de modo prévio, esses estudos não dão importância para o fato de que esta escolha não apenas traz possíveis “benefícios”, mas incluem complicações e desdobramentos que impactam não só o membro “negro” como também ao membro “branco” desse casal.

Para Barros (2003), daí se decorre a necessidade de reconsiderar a visão que as teorias passam, onde colocam que o negro que ascende como alguém que “quer ser branco”. Ao invés de fortalecer as dicotomias “branco”/superior, “negro”/inferior, os trabalhos apontam para ampliar as análises levando em consideração que o ser humano é relacional e que, nesse sentido, alguns elementos valorizados naqueles com quem nos relacionamos influenciam nossas ações, o que é muito diferente de assumir que o objetivo seria tornar-se o “outro”, como se fosse uma meta daqueles que seriam constantemente depreciados e inferiorizados. E isto vale se aplica tanto do “negro” em relação ao “branco” como para o “branco” em relação ao “negro”. Os estudos também apontam que os relacionamentos inter-raciais são mais comuns em classes mais baixas e médias e extremamente raros em classes mais altas.

Questões de representação e identidade racial é algo que vai impactar bastante esses casais, dado que a miscigenação interfere nesse processo, no sentido de mascarar as desigualdades raciais. Os trabalhos apresentam a ideia de como é interessante examinar como casais inter-raciais lidam com as representações raciais, seja de alguma forma atualizando-as e operacionalizando-as ou resistindo a elas e formulando representações alternativas numa sociedade que muitas vezes se opõe a essas uniões. Nesse sentido, é fundamental compreender tais representações associadas à raça, classe e gênero, pois a articulação dessas categorias gera especificidades que não se encontram em outros casais ou nem mesmo nos próprios sujeitos que compõe a relação em outros contextos de filiação grupal como no âmbito ocupacional e de lazer, por exemplo.

As representações produzem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar, dessa forma, estabelecendo identidades (Woodward, 2000). Geradas por meio da comunicação e práticas sociais, as representações sociais emergem da interação entre pessoas que estão inseridas num sistema de relações sociais. Deste modo, seu lócus de construção está no campo de interação entre o individual e o coletivo (Jovchelovitch, 1995). Neste processo, as categorias gênero, raça e classe agem como elementos que condicionam a produção das representações, ao passo que são constituídos por elas.

Um dos principais erros ao abordar as relações afetivas inter-raciais é a atribuir de uma certa postura, de “negação da raça”, aos negros e negras que escolhem este tipo de relacionamento sem que sejam analisadas as representações estes possuem sobre o que é ser “negro” ou “negra” ou como eles entendem o relacionamento inter-racial. Da mesma forma, também não se destaca o caráter relacional dessas uniões, fazendo com que os “brancos” e “brancas” que escolhem estar neste relacionamento também não façam parte em tais análises.

Dessa forma, é importante investigar as representações dos sujeitos sobre raça e os discursos relacionados a ela. Mesmo assim, como alerta Magnani (1986), não se pode simplesmente tomar as falas dos sujeitos como representações, sem levar em consideração as relações que estas subtendem, mas ficar atento para que a autoridade do pesquisador não se transforme em autoritarismo, e procurar compreender as falas num contexto mais amplo das dinâmicas sociais.

A definição dos sujeitos a partir da classe social aparece mais ao dar ênfase na sua articulação ao gênero e à raça. Dessa forma, pode se perceber que há uma variação na caracterização dos grupos ao considerar estas categorias constituintes de modo interseccional. É fundamental tratar as representações acerca de raça nesses indivíduos, já que a interseção de raça, gênero e classe gera determinadas especificidades, mas mesmo assim não se deve perder de vista que a maneira como os indivíduos são representados (e se representam) se modifica mesmo quando estes ocupam uma mesma classe, principalmente se estes forem negros e negras.

Embora se tenha uma recusa ao conceito de raça e à ideia do Brasil como um paraíso racial, as representações de boa parte dos casais entrevistados nos trabalhos, em certa medida renovam a ideia de raça e o mito da democracia racial. Os casais, de um modo geral, os casais reconhecem a realidade brasileira como racialmente desigual e admitem a existência do racismo, o que mostra a negação da existência do mito como uma simples invenção. Contudo, constroem o próprio relacionamento como um espaço privilegiado menos impactado pelo racismo e de avaliações de cunho racial. Esta postura torna possível entrever a superação destes fenômenos no âmbito das relações no cotidiano, já que as representações não apenas definem ações, como também contribuem para forjar novas identidades.

As representações, ao definirem identidades, não sendo de modo homogêneo. Apesar de se ter influência das categorias raça, classe e gênero nas representações, esta influência não acontece modo único, o que nos leva para variadas elaborações

do conceito de raça e formas diversas de incorporação destas às vidas dos sujeitos. Nesse sentido, características consideradas uma “diferença”, como a cor dos cônjuges, em outros contextos pode se tornar irrelevante ou ter valor secundário no processo de construção da “igualdade” do casal. Além disso, pode se verificar nos trabalhos que se tem entre os cônjuges de um mesmo casal “projetos raciais” diferentes e até mesmo dispares entre si.

Fazendo a leitura dos trabalhos, pode se perceber que a identidade racial, geralmente relacionada a uma experiência singular que ocorre no desenvolvimento individual, é uma questão importante e merece atenção em uma relação afetiva inter-racial.

Considerando que as relações afetivas inter-raciais apresentam diferenças em sua identidade racial e étnica, é essencial entender como essas diferenças estão ligadas ao sucesso de um relacionamento afetivo. Porém, a literatura sobre esse tema, negligencia bastante as experiências únicas vividas nas relações afetivas inter-raciais e como sua identidade racial e étnica exerce influência nesse relacionamento.

Os textos ainda apontam que os relacionamentos inter-raciais desafiam e reestabelecem novas fronteiras raciais ao desafiar as normas estruturais racistas da nossa sociedade, promovendo novos diálogos e reflexões. E as estratégias de resistência e valorização da identidade racial servem como uma forma de enfrentamento aos estressores do racismo.

Conclui-se que as relações afetivas inter-raciais não se dão num vácuo social e é importante compreender o contexto e as experiências culturais para se entender um processo de relacionamento. Essa consideração, no entanto, requer o reconhecimento de que cada indivíduo é moldado unicamente por suas próprias experiências, o que tem impacto no desenvolvimento de sua identidade, e, portanto, impactará suas relações.

Para além das barreiras naturais e dos limites territoriais que separam os indivíduos, manifestados de forma mais concreta na sociedade moderna pela propriedade privada, existem barreiras invisíveis aos olhos, mas que são perceptíveis para os sujeitos que estão inseridos, numa rede de relações, fundamentadas em ideias e valores compartilhados, que atribuem para cada indivíduo uma identidade, uma classe, um status, uma raça, compondo um sistema de classificação social.

E em uma sociedade estruturalmente complexa e formada por espaços diversos de interação, ser branco ou ser negro pode refletir tanto nas condições de

possibilidade ou impossibilidade que cada um terá para percorrer e ocupar espaços que irão possibilitar maior ou menor chance de ascensão social – como no mercado de trabalho -, assim como ter impacto nas suas chances de sucesso ou fracasso no campo das relações afetivas, onde o padrão estético branco europeu ainda parece ter influência nos discursos dos sujeitos que participaram dos trabalhos, tanto entre brancos quanto entre os negros.

Nem sempre a cor da pele e os elementos corporais, morais e intelectuais que definem os indivíduos como brancos ou negros estão diretamente relacionados com a consciência racial que possuem de si e do outro sobre a identidade racial. No Brasil, onde a ideologia racial age mais com um referencial analógico de cores baseado no fenótipo e menos num binarismo de cor centrado na origem biológica, as categorias mobilizadas pelos sujeitos podem ser múltiplas e variadas.

Muitas vezes os sujeitos não conseguem identificar a própria cor ou raça, mas conseguem classificar o outro. Em outras ocasiões, tem consciência de sua raça, mas encontram dificuldade de denominarem a raça de outros indivíduos, sejam do seu grupo racial ou não. Além disso, nem sempre a classificação que os indivíduos dão para si está diretamente ligada ou ajustada a um contexto social que partilhe dos mesmos valores e ideias propagadas, ou ainda que apontem a um lugar social relacionado a um pertencimento racial que os sujeitos reivindicam para si.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos mostrou que os desafios enfrentados por casais interraciais no Brasil são moldados de maneira extensa por dinâmicas de raça, classe e gênero. As convergências entre os trabalhos revelam como o racismo permeia tanto o espaço público quanto o privado nessas relações, enquanto as discordâncias manifestam a dificuldade de interpretar as experiências desses casais em contextos culturais e sociais diferentes. Ainda que tenha potencial para resistência e transformação, as relações afetivas inter-raciais constantemente mostram as limitações das narrativas de igualdade racial no Brasil, dando destaque a importância de abordagens que confrontem as raízes estruturais do racismo e propiciem mudanças significativas no imaginário social, como também nas relações interpessoais.

Embora, as estruturas operem no sentido de limitar as possibilidades de escolha e atribuam valores estéticos variados no contexto afetivo, as representações raciais podem sofrer transformações. De forma alguma pode ser afirmado que elas são absolutas e imutáveis. A cor ou raça, assim como os demais atributos estéticos que constituem os tipos raciais, pode clarear ou escurecer conforme o contexto ou a região do país.

Apesar dos trabalhos apresentarem uma tendência de homens negros se casarem com mulheres brancas, a fronteira que delimita o que é essencialmente escolha individual e o que é estrutura, norma ou ideologia, não ficou definido. Ainda que se confirme que o racismo contribui na distribuição desigual de qualidades socialmente valorizados no campo matrimonial, outros componentes estruturais relevantes devem considerados, podendo impactar no processo de escolha.

Destarte, nas relações afetivas inter-raciais, tem menos a presença de um plano racional previamente calculado com base na questão racial, que conduz e determina antecipadamente os papéis dos sujeitos, e mais um jogo dinâmico e relacional, onde as categorias raciais podem ser reelaboradas e reconstruídas, envolvendo a família e os amigos.

Contudo, o campo das relações afetivas inter-raciais ainda carece de mais estudos sobre. O que se mostrou evidente na procura pelos trabalhos que fizeram parte da análise.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIÃO, Silvia. **A produção de identidades e o reconhecimento de sujeitos e direitos: algumas possibilidades da perspectiva interseccional e da articulação de marcadores sociais da diferença.** Material Suplementar, EGeS, 2015.

ASSIS, Dayane N. **Conceição de Interseccionalidades.** Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

BARRETO, Romulo. **O amor tem cor? Um estudo sobre relações afetivo-sexuais inter-raciais na cidade de Campos dos Goytacazes.** Biblioteca Depositária: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO, 2016.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2003.

BECK, Aaron T. **Terapia cognitiva e distúrbios emocionais.** Nova York: International Universities Press, 1976.

BERQUÓ, Elza. **Nupcialidade da população negra no Brasil.** Campinas, SP: NEPO-Unicamp, 1987.

BRAMBILLA, Beatriz Borges; CORDEIRO; OLIVEIRA; VICENTINI. **A branquidade e a (des)racialização do Estado Brasileiro e suas desigualdades. Saúde da população negra e indígena.** Cruz das Almas, BA: EDUFRB, p. 282, 2020.

CASTRO, Mary Garcia. **A crise paradigmática e a pós-modernidade na ciência.** Alteridades, Salvador, n. 1, p. 85-99, out. 1994/mar. 1995.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. **Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso.** Psicologia & Sociedade [online]. v. 28, n. 2, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality as critical social theory.** In: COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 1-25 2015.

CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics.** 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DENIS, Ann. **Intersectional analysis: a contribution of feminism to Sociology.** International Sociology, London, v. 23, n. 5, p. 677-94, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Rio de Janeiro: Fator, 1980.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia del racismo**. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1992.

FRAGA FILHO, Walter. **Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FREITAS, Marcel de Almeida. **O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje**. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, v. 5, n. 9, p. 53-58, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Márcia. **Cor e estratificação social**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999.

IBGE. **Cor ou raça**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br>. Acesso em: 11 jan. 2025.

JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI. **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais**. Textos em representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63-85.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Discurso e representação ou De como os baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas**. In: CARDOSO, Ruth C. L. (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 127-140, 1986.

Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas. Traduzido por Carol Correia, 1993.

MATA, Rômulo Barreto. **O amor tem cor? Um estudo sobre relações afetivo-sexuais inter-raciais em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016.

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul**. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: BRANDÃO, Antonio Albino P. (Org.). *Cadernos Penesb*, v. 5. Niterói: EdUFF, 2004.

OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de. **O racismo manifesto nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais entre homens gays.** Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2022.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra.** *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014.

RODRIGUES, Ronaldo N. **Os africanos no Brasil.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Rearticulando gênero e classe social.** In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

SALES JUNIOR, Ronaldo Laurentino. **Raça e justiça: o mito da democracia racial e o racismo institucional no fluxo de justiça.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2009.

SANTOS, Débora J. da S.; et al. **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar.** *Dental Press Journal of Orthodontics*, v. 15, n. 3, p. 121-124, jun. 2010.

SARDENBERG, Cecília Bacellar. **E a família, como vai? Mudanças nos padrões de família e no papel da mulher.** *Bahia Análise & Dados*, Salvador, SEI, v. 7, n. 2, p. 5-15, set. 1997.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

STOLCKE, Verena. **Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? Estudos Afro-Asiáticos.** São Paulo, n. 20, p. 101-118, jun. 1991.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. **Manejo clínico das repercussões do racismo entre mulheres que se “tornaram negras”.** *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, e184764, 2019.

TELLES, Edward. **O significado da raça na sociedade brasileira.** Tradução de Ana Arruda Callado. **Race in Another America: The significance of skin color in Brazil.** Princeton University Press, 2012.

TRÓCCOLI, Bartholomeu T. **Cognição social.** In: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo (Org.). **Psicologia Social: principais temas e vertentes.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. **Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira.** Revista Tempo, v. 8, n. 3, p. 1-12, 1999.

VIALI, Alice. **Estigma e discriminação: as relações afetivas inter-raciais no estado do Rio Grande do Sul.** 2020.

WARE, Vron. **O poder duradouro da branquitude: “um problema a solucionar”.** In: WARE, Vron (Org.). **Branquitude, identidade branca e multiculturalismo.** Tradução de Vanessa Ribeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 7-40.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.